

A extensão rural pública: percepções dos produtores das associações agrícolas de Manhiça Sede, Moçambique¹

Sérgio Feliciano Come

Docente na Universidade Zambeze-Engenheiro Agrônomo e Mestre em Extensão Rural pela Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique. Email: sergiofcome@gmail.com

Eunice Cavane

Docente da Universidade Eduardo Mondlane- Engenheira Agrônoma e Doutorada em Extensão Rural pela Michigan State University - Estados Unidos da América. Email: ecavane@uem.mz

Resumo: Este estudo analisou a Percepção dos produtores de Manhiça Sede sobre o papel da extensão rural local. A coleta de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas com 52 produtores de 3 associações agrícolas e 5 extensionistas da mesma região. A escala Likert foi usada para medir a Percepção dos produtores. Os dados foram analisados através da estatística descritiva. Os resultados apontam que as atividades da extensão rural foram apreciadas positivamente, com exceção das relacionadas à capacitação das associações para gerir os recursos naturais com responsabilidade e das que visavam ao estabelecimento da ligação entre os fornecedores de insumos e as associações de produtores. De forma geral, os produtores tiveram uma Percepção positiva sobre o trabalho da extensão rural em Manhiça Sede.

Palavras-chave: Manhiça, Extensão Rural, Produtores

The Public Rural Extension: Perceptions of Agricultural Producers Associations in Manhiça Headquarters

Abstract: This study analyzed the perceptions of agricultural producers in Manhiça Headquarters on the role of local extension. Data collection was done through interview schedule administered to 52 producers of 3 agricultural associations and to 5 extension workers of the same region. Likert scale was used to measure perceptions of producers. Data were analyzed using descriptive statistics. The results indicate that the activities of the extension were assessed positively except those relating to the empowerment of associations to manage natural resources with responsibility and aimed at establishing a connection between input suppliers and producers' associations. In

¹ O artigo faz parte da dissertação do mestrado do primeiro autor (Sérgio Feliciano Come) e foi supervisionada pela segunda autora (Doutora Eunice Cavane). A referida dissertação foi defendida publicamente no dia 3 de Maio de 2013 na Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal da Universidade Eduardo Mondlane.

general, producers had a positive perception about the work of extension in Manhiça Headquarters.

Keywords: Manhiça, Rural Extension, Agricultural Producers

La Extensión Rural público: Percepciones de los productores agrícolas Asociaciones de la Sede de Manhiça

Abstracto: Este estudio analizó las percepciones de los productores agrícolas de la Sede de Manhiça en el papel de la extensión local. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas semi-estructuradas a 52 productores de las 3 asociaciones agrícolas y la 5 agentes de extensión de la misma región. La escala Likert se utilizó para medir la percepción de los productores. Los datos fueron analizados utilizando estadística descriptiva. Los resultados indican que las actividades de la extensión fueron evaluados positivamente, excepto las relativas a la potenciación de las asociaciones para gestionar los recursos naturales de manera responsable y dirigidos a establecer una conexión entre los proveedores de insumos y asociaciones de productores. En general, los productores tenían una percepción positiva sobre el trabajo de extensión en la Manhiça Sede.

Palabras clave: Manhiça, Extensión Rural, Productores

1. Introdução

Moçambique é um país com uma economia voltada para uma agricultura dominada por pequenos produtores que cultivam num ambiente caracterizado por uma produção de sequeiro, acompanhada de baixo uso de fertilizantes, agrotóxicos e sementes melhoradas (World Bank, 2006). A agricultura tem um papel decisivo na erradicação da pobreza e da fome, uma vez que constitui a principal fonte de rendimento para cerca de 80% da população moçambicana. Com mais de 3.3 milhões de unidades agrárias familiares, o setor familiar é responsável por mais de 98% da produção agrária em Moçambique (SITOE,

2005). Segundo Minag² (2010), o setor agrário em Moçambique é caracterizado por uma baixa produção e um baixo rendimento das culturas alimentares e das atividades pecuárias. Visando a inverter o cenário, o Minag tem desenvolvido estratégias que passam pelo aumento da melhoria do acesso dos produtores às tecnologias melhoradas bem como à disponibilidade e gestão de água, promoção de práticas que melhorem a gestão de pragas e doenças, aumento do conhecimento teórico e prático dos produtores, fornecedores de serviços e investigadores, melhoria das infraestruturas de mercado, melhoria da cobertura dos serviços agrários e da coordenação entre os diferentes provedores de serviços de extensão e entre estes e a melhoria da investigação. Assim, a extensão rural tem o papel de garantir a provisão de serviços de assistência sanitária animal e vegetal, assegurar a transferência e o uso de tecnologias apropriadas, promover o fortalecimento das associações de produtores agrários, participar na retroalimentação da investigação e desenvolver o programa de fomento pecuário e de tração animal (MINAG, 2007).

Segundo Gemo (2006), o impacto dos serviços de extensão rural nas atividades dos produtores tem sido uma questão de debate. Contudo, o número de estudos sobre o papel e o impacto da extensão rural em Moçambique é ainda reduzido. Com o objetivo de dar uma contribuição ao preenchimento desta lacuna, foi feito o presente estudo, que pretende responder à seguinte questão: Qual é a Perceção que os produtores das associações agrícolas de Manhiça Sede têm sobre o papel da extensão rural pública?

² Ministério da Agricultura.

Este estudo teve como objetivo geral analisar a Percepção que os produtores das associações agrícolas têm sobre o papel dos serviços de extensão rural oferecidos pelos Serviços Distritais das Atividades Económicas (SDAE) de Manhica. Especificamente, pretende descrever o perfil dos produtores agrícolas locais, caracterizar a extensão rural pública e medir a Percepção dos produtores das associações agrícolas sobre os serviços de extensão rural.

Foi escolhido o distrito da Manhica, considerando aspectos como sua proximidade com Maputo (limitações logísticas), a existência de rede de extensão rural pública, a existência de associações de produtores e seu alto potencial agrícola (Ministério da Administração Estatal [MAE], 2005).

2. Metodologia

O estudo foi realizado no Posto Administrativo de Manhica Sede (PAMS), localizado no distrito da Manhica, Norte da província de Maputo. Este distrito tem área de cerca de 2370 km² e é composto por seis postos administrativos: Maluana, Manhica Sede, Palmeira, Calanga, Ilha Josina Machel e Xinavane. A principal atividade econômica do distrito é a agricultura e os principais cultivos são o milho (*Zea mays*), o amendoim (*Arachis hypogea*), a batata-doce (*Ipomea batata*), a mandioca (*Manihot esculentum*), o feijão nhemba (*Vigna unguiculata*), a banana (*Musa* sp) e as hortícolas. A maioria destes cultivos é explorada em regime de consociação, exceto as praticadas por famílias que estão organizadas em associações (MAE, 2005). Embora o distrito tenha as Açucareiras de Xinavane e Maragra, a agricultura é praticada majoritariamente pelo setor familiar.

Natureza e fontes de dados

Neste estudo, foram usados dados primários e secundários. Os primários foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com 52 produtores do PAMS, distribuídos da seguinte maneira: 13, da Associação Agrícola de Chinhaquene-AAC; 22, da Cooperativa Eduardo Mondlane-CEM; 17, da Associação “Força da Mudança”-AFM; e 5 extensionistas do SDAE-Manhiça. A seleção destas associações teve em conta a facilidade das vias de acesso, daí que se considera que a amostragem não foi probabilística. Estas entrevistas foram feitas entre abril e agosto de 2012. Os secundários foram obtidos por meio de relatórios de atividades dos SDAEs de Manhiça.

Variáveis e técnicas de análise de dados

As variáveis analisadas foram as seguintes: perfil social e econômico dos produtores, perfil dos extensionistas, relação extensionista-produtor, cobertura de extensão, métodos de extensão, serviços oferecidos aos produtores, conteúdo das mensagens, constrangimentos enfrentados pela extensão e 9 proposições relacionadas com a Percepção dos produtores sobre as atividades da extensão. A escala Likert, com três categorias (concorda, indiferente e discorda), foi usada para medir a Percepção dos produtores. A análise dos dados foi feita por meio de estatística descritiva, com o auxílio do Pacote Estatístico Para as Ciências Sociais-SPSS.

3. Resultados e Discussão

Nesta seção, são apresentados e discutidos os principais resultados deste estudo.

Descrição do perfil dos produtores das associações

A Tabela 1 sumariza o perfil dos produtores entrevistados. Pode-se constatar que 79% dos produtores entrevistados são do sexo feminino e os restantes 21% são do sexo masculino. Isto mostra uma clara predominância das mulheres na agricultura e, segundo MAE³ (2005), esta situação pode ser causada pela poligamia. IFAD⁴ (2010) e Manhiça (2012) fizeram referências similares em relação à elevada participação das mulheres na agricultura moçambicana.

Em relação à idade, cerca de 77% dos produtores têm idade superior a 50 anos e os restantes 23% têm menos de 50 anos de idade, o que mostra um envelhecimento da mão de obra agrícola, impondo-se a necessidade do seu rejuvenescimento. Esta fraca participação dos jovens na agricultura pode se dever ao fato de, na maioria dos países em desenvolvimento, esta atividade não ser atrativa para esta faixa etária (IIRR⁵ e ACT⁶, 2005).

A mesma tabela evidencia que cerca de 28,8% dos produtores não têm nenhum nível escolar, 61,5% têm entre 1 a 5 anos de escolaridade e apenas 9,6% têm ensino primário do segundo grau. Estes dados revelam que os produtores entrevistados têm um baixo nível de escolaridade. Resultados semelhantes foram encontrados por Nhaurire (2007) e Gonçalo (2003).

Em relação aos agregados familiares, cerca de 42% dos produtores têm agregados familiares com um máximo de 5 membros, 50% têm agregados familiares constituídos por 6 a 10 membros e os restantes 8% têm agregados com mais de 10 membros.

³ Ministério da Administração Estatal.

⁴ International Fund for Agricultural Development.

⁵ International Institute of Rural Reconstruction.

⁶ African Conservation Tillage Network.

A EXTENSÃO RURAL PÚBLICA: PERCEÇÕES DOS PRODUTORES
DAS ASSOCIAÇÕES AGRÍCOLAS DE MANHIÇA SEDE, MOÇAMBIQUE

Tabela 1
Distribuição dos respondentes segundo seu perfil social e econômico

Variável	Categorias	Frequência	Moda
Sexo	Feminino	41 (78.8)	Feminino
	Masculino	11 (21.2)	
Idade (anos)	18 à 30	1 (1.9)	Mais de 60
	31 à 40	3 (5.8)	
	41 à 50	8 (15.4)	
	50 à 60	16 (30.8)	
	Mais de 60	24 (46.2)	
Nível escolar (anos)	Nenhum	15 (28.8)	1a à 5a classes
	De 1a à 5a classe 6a e 7a classes	32 (61.5) 5 (9.6)	
Tamanho do agregado familiar	1 à 5	22 (42.3)	6 à 10
	6 à 10	26 (50)	
	Mais de 10	4 (7.7)	
Experiência na prática da agricultura	1 a 5	4 (7.7)	Mais de 30 anos
	5 a 10	2 (7.7)	
	10 a 20	5 (9.6)	
	20 a 30	15 (28.8)	
	Mais de 30	26 (50)	
Prática de outras atividades	Sim	27 (51.9)	Sim
	Não	25 (48.1)	
Principais constrangimentos	Pragas e doenças	18 (34.6)	Falta de trator/gado para a tração animal
	Falta de trator /gado para a tração animal	19 (36.5)	
	Falta de instrumentos de trabalho	17 (32.7)	
	Baixa qualidade de sementes	12 (23)	
	Ocorrência de inundações	10 (19.2)	

N=52. NA- não aplicável. Os números entre parenteses significam percentagem. Fonte: Dados da pesquisa do campo (2012).

No que diz respeito à experiência na prática da atividade agrícola, constata-se que 78,8% dos produtores têm experiência na agricultura superior a 20 anos enquanto 21,2% têm menos de

20 anos de experiência. De forma geral, pode-se afirmar que os produtores têm muita experiência na sua agricultura a avaliar pela média dos anos em que eles praticam esta atividade. Resultados similares foram encontrados por Taveira e Oliveira (2008), que constataram que cerca 79.5% dos produtores da Pontal de Parapanema tinham uma experiência na agricultura superior a 20 anos.

Cerca de 51,9% dos produtores entrevistados não têm outras fontes de renda, enquanto cerca de 48,1%, além da agricultura, têm outras fontes de renda, como o caso da venda de produtos agrícolas, remessas dos filhos e ou cônjuges e recebimento de pensões de aposentadoria.

Cerca de 11,5% dos produtores afirmaram que a produção é apenas destinada ao consumo familiar, enquanto os restantes 88,5% afirmaram que, além do consumo, vendem os produtos agrícolas. Uma vez que todos os produtores entrevistados cultivam hortícolas, que são produtos perecíveis, é óbvio que vendam parte significativa da sua produção para satisfazerem outras necessidades familiares.

Aos produtores foi pedido que citassem os problemas mais importantes. Nesse aspecto, cerca de 36.5% dos entrevistados se referiram à falta de trator ou gado para auxiliar na lavoura; 34.6%, à alta incidência de pragas e doenças nas hortícolas; cerca de 32.7% indicaram a falta de equipamento agrícola como motobomba, enxadas, botas e regadores; e cerca de 23% se referiram à baixa qualidade das sementes. De forma geral, problemas semelhantes foram reportados por Minag (2010) e Siddiqui e Mirani (2012).

Caraterização da extensão rural

Visando a alcançar este objetivo, foi em primeiro lugar descrito o perfil dos extensionistas.

Os SDAEs do distrito da Manhiça contam apenas com 6 extensionistas, todos do sexo masculino. Em termos médios, eles têm 44.2 anos de idade e uma experiência de 15.8 anos. Isto implica que os extensionistas trabalham há, relativamente, muito tempo, sendo, assim, capazes de conhecer com muitos detalhes a natureza do trabalho que realizam, o que pode melhorar seu desempenho. Ajayi, (2001) e Oladeli (1999), citados por Okerere e Onu (2007), afirmaram que longos anos de serviço implicam obtenção de experiência suficiente para os extensionistas melhorarem seu desempenho. Quanto ao nível acadêmico, 3 dos cinco extensionistas têm a formação básica em agricultura, 1 tem a formação média em agropecuária⁷ e 1 tem a licenciatura em engenharia agrônômica.

No que diz respeito à frequência de cursos e/ou seminários relacionados com a agricultura, os extensionistas afirmaram que já participaram de mais de 10 cursos. Os temas mais abordados nesses cursos foram os relacionados com a planificação, execução, avaliação e monitoria de programas de extensão, controle de pragas e doenças dos cultivos, sistema de aviso prévio, técnicas de cultivo da batata-doce de polpa alaranjada e métodos de extensão. De forma geral, os assuntos abordados nas capacitações e cursos de que os extensionistas participaram estão em alinhamento com as recomendações de Gemo (2004). Este autor analisou as principais necessidades de capacitação para os extensionistas de Moçambique e recomendou que deviam ser capacitados em matérias ligadas à agricultura familiar, métodos e modelos de extensão e identificação dos problemas dos produtores.

⁷ Este encontrava-se na altura do estudo a frequentar a graduação em agro-pecuária.

A participação dos extensionistas em cursos de capacitação é crucial para o desempenho das suas tarefas. Segundo Asiabaka (2002), todos os níveis do pessoal da extensão rural precisam ter competências em termos de habilidades de comunicação, planificação, monitoria e avaliação de programas. Devido ao fato de os extensionistas terem um baixo nível escolar, sua participação em seminários e cursos de curta duração é fundamental para melhorar suas competências profissionais. Evidências do estudo de Ifenkwe (2012) mostram que existe uma correlação significativa (0.32) entre o nível escolar e o desempenho dos extensionistas rurais do Estado de Abia, na Nigéria.

A relação extensionista-produtores no distrito da Manhiça é de aproximadamente 1:5200, menor que a relação geral de Moçambique, de 1: 8890. Entretanto, a relação extensionista-produtores neste distrito é muito superior à dos países em vias de desenvolvimento, 1:1800 a 1:3000, segundo Ponniah et al. (2008). Esta situação mostra que a relação extensionista-produtores neste distrito é bastante elevada, apesar de ser menor que a média de Moçambique. Isto sugere a necessidade de o SDAE se empenhar na contratação de mais extensionistas, visando a reduzir a relação extensionista-produtores, o que pode culminar com o aumento do contato entre extensionistas e produtores bem como com o aumento da cobertura de extensão.

Segundo GDM (2010) e GDM (2011), a extensão rural - pública, das ONGs e outros parceiros - assistiu diretamente cerca de 7.24% e 7.35% dos produtores do distrito da Manhiça. Estas percentagens são quase iguais a 8%, percentagem de produtores agrários de Moçambique, que tiveram contato com os extensionistas no ano de 2008 (Cunguara e Hanlon, 2010). Esta constata-

ção está em consonância com Ponniah et al. (2008) e Anderson e Feder (2003). Segundo estes autores, a extensão rural nos países em desenvolvimento tem baixa cobertura, geralmente menor que 10%. Por outro lado, Minag (2010) e Siteo (2010) afirmam que a extensão rural em Moçambique tem uma cobertura muito baixa. Cunguara e Moder (2011) revelam que, em média, as famílias com acesso à extensão rural têm renda 12% superior a aquelas não têm acesso. Devido ao fato de a extensão rural em Manhiça alcançar uma ínfima proporção dos produtores agrários, cerca de 7%, pode-se afirmar que ela perde oportunidade de contribuir para o aumento da produção e renda da maioria dos produtores que não têm acesso aos serviços de extensão.

Sobre os métodos de extensão, as entrevistas feitas com os extensionistas e os produtores revelam que a extensão rural pública em Manhiça Sede usa, simultaneamente, métodos de massa, de grupo e individuais. Destes três métodos, o de grupo é o mais usado, sendo feito através de técnicas como Campo de Demonstração dos Resultados (CDR), Escola na Machamba do Camponês (EMC), visitas às associações, excursões e seminários. O uso simultâneo destes três métodos de extensão se alinha com a afirmação de Alage e Nhancale (2010), segundo os quais, a extensão rural pública em Moçambique usa frequentemente os três métodos, embora o de grupo seja o mais comum. A escassez de recursos e a elevada relação extensionista-produtores, faz com que o método de grupo seja o mais viável porque apresenta a vantagem de alcançar, com poucos recursos, maior número de produtores, comparativamente ao método individual (Van den Ban e Hawkins, 1996), permitindo uma interação direta entre extensionistas e produtores (Ponniah et al., 2008).

Segundo GDM (2009) e GDM (2010), os principais serviços que a extensão oferece aos produtores são as vacinações contra a doença de *Newcastle* nas aves e a raiva nos cães e gatos, capacitação das associações de produtores sobre a gestão e liderança nas associações e transmissão de mensagens relacionadas com a produção agrícola.

Em relação aos problemas que a extensão enfrenta no exercício das suas atividades, o mais importante é a deficiente manutenção das motos usadas pelos extensionistas. Esta situação pode pôr em perigo a vida dos extensionistas, além de, em algumas ocasiões, comprometer o cumprimento das suas tarefas. Outro problema é a dupla subordinação e a sobreposição de tarefas (SDAE e Município da Manhiça) a que os extensionistas estão sujeitos. Um dos extensionistas apontou a deficiente ligação entre a investigação e a extensão como um dos problemas, o que faz com que os extensionistas não tenham algo novo para difundir. Segundo Gautam (2000), esta situação pode, de alguma forma, desencorajar a participação dos produtores nas atividades desenvolvidas pela extensão rural. Segundo o mesmo autor, o fato de a extensão rural continuar a disseminar as mesmas informações agronômicas que os produtores já conhecem pode reduzir o seu interesse nas atividades da extensão.

Gemo et al. (2005) afirmam que a escassez de recursos por parte das instituições de pesquisa bem como por parte da extensão rural pode ser a razão para a persistente fraca ligação entre estes dois atores. Assim, julga-se bastante pertinente a remoção de obstáculos que impedem a existência de uma forte ligação entre a extensão e a pesquisa.

De forma geral, estes problemas são similares aos apresentados por Siteo (2010) e Cunguara e Moder (2011) e Gemo et al,

(2005). Estes autores enumeram problemas de transporte para os extensionistas e a escassez de pessoal tanto em qualidade bem como em quantidade, a deficiente ligação entre a extensão e a pesquisa, como os principais problemas enfrentados pela extensão rural em Moçambique.

Percepção dos produtores sobre o papel da extensão rural pública

A Tabela 2 mostra a distribuição dos produtores em relação a suas Percepções sobre a extensão rural em Manhiça. Ao avaliar pela frequência dos que concordaram com as proposições 1 e 2, 76.92% e 96.15%, respetivamente, é possível afirmar que os produtores têm uma percepção positiva em relação a estas proposições. Isto mostra que os produtores entendem que a extensão rural pública em Manhiça Sede capacita as associações em matérias de planificação e gestão agrícolas e dissemina informações sobre as tecnologias agrícolas. Esta situação pode ser explicada pelo fato de a GDM (2010) apontar que os extensionistas dos SDAEs treinaram 15 produtores em matérias de associativismo, agronegócio, gestão de crédito, transmitiram mensagens relacionadas com a produção agrícola com ênfase para as hortícolas e milho, fizeram demonstrações relativas a diferentes espçamentos e densidades de hortícolas e milho, envolvendo diretamente 93 produtores, dos quais, 18 do PAMS. A capacitação dos produtores em matérias de planificação e gestão agrícolas é fundamental para os produtores das associações, porque eles têm um baixo nível de escolaridade. Com um baixo nível de escolaridade, espera-se que eles tenham fracas capacidades para gerir e melhor planificar a atividade agrí-

cola. Assim, esta capacitação pode melhorar as habilidades dos produtores em relação à planificação, gestão das unidades de produção e conhecimento do funcionamento dos mercados.

Em relação à disseminação de informações sobre as tecnologias agrícolas, verifica-se que a maioria dos serviços prestados pela extensão rural pública está voltada à difusão de tecnologias de cultivo de hortícolas, com destaque para o tomate, a couve, o repolho e a cebola. Estes cultivos têm um ciclo relativamente curto⁸. Isso significa que os produtores devem fazer mais lavouras, além de esses cultivos precisarem de muita água e capinas. As operações de lavoura, capina e rega manuais exigem muito esforço físico dos produtores. Entretanto, foi referido que os produtores de Manhiça Sede têm idade relativamente avançada, o que implica que provavelmente já não tenham capacidade física suficiente para atender às demandas das operações agrícolas, além de esses cultivos requererem insumos melhorados como sementes melhoradas, pesticidas, fertilizantes e outros, cujo sistema de abastecimento é deficiente. Então, com base nestas constatações, pode-se afirmar que as tecnologias difundidas para o cultivo de hortícolas nos atuais moldes não estão muito bem ajustadas à realidade dos produtores locais. Esta constatação mostra que, para o caso de Manhiça Sede, a operacionalização do modelo de extensão propugnado pelo PDE 2007-2016, extensão baseada na aprendizagem participativa, ainda está longe de ser uma realidade, pois esta abordagem participativa da extensão inclui, entre outras coisas, o apoio a produtores individuais e a grupos de produtores segundo suas circunstâncias, necessidades e sistemas de cul-

⁸ O ciclo da couve é de aproximadamente 45 dias, enquanto que a cebola, o tomate e o repolho têm ciclos de aproximadamente 3 meses.

tivo específicos. Entretanto, ainda que o apoio, concretamente a difusão das tecnologias de cultivo de hortícolas, que a extensão rural propicia aos produtores seja de fato necessário, parece que ignora suas limitações econômicas, que são circunstâncias que de alguma forma podem limitar a eficácia do apoio da extensão rural aos produtores. Em outras palavras, as tecnologias de produção de hortícolas difundidas pela extensão rural pública em Manhiça não levam em conta os recursos e os problemas dos produtores locais. Esta constatação contrasta com a Estratégia da Revolução Verde (MINAG, 2008), que defende a difusão de tecnologias de produção adequadas à realidade local, mas, por outro lado, se alinha com a afirmação de Snapp et al. (2003). Segundo estes autores, muitas organizações de pesquisa e extensão rural da região da África Sub-Sahariana têm registado falhas no desenvolvimento de tecnologias que levam em consideração os riscos, os problemas e os recursos dos produtores locais. Diante deste cenário, surge a necessidade de a extensão rural pública (re)desenhar seus serviços para que desenvolva e dissemine tecnologias que levem em conta os recursos, os riscos e os problemas dos produtores locais.

Apenas 19.24% dos produtores concordaram com a proposição de que a extensão rural capacita a associação para assumir a responsabilidade pela gestão dos recursos naturais. Portanto, os produtores têm uma Percepção negativa em relação a esta proposição, o que equivale a dizer que na sua ótica as atividades de extensão rural falham na capacitação das associações para assumir responsabilidade na gestão dos recursos naturais. Esperava-se que os produtores concordassem, isto é, tivessem Percepção positiva em relação a esta proposição porque GDM (2010) afirma que os extensionistas do SDAE treinaram 56 produtores da CEM em

matérias ligadas à gestão sustentável dos recursos naturais através da prática de agricultura de conservação. Esta situação levanta as hipóteses de que, durante o treinamento realizado na CEM, o assunto não mereceu atenção suficiente dos produtores ou a comunicação entre os extensionistas e os produtores não foi eficaz. Tendo em conta que a questão da gestão dos recursos naturais é um assunto de capital importância, principalmente na agricultura, a extensão rural deve adotar estratégias para que as futuras capacitações dos produtores sobre o assunto consigam atrair sua atenção. Aliás, os instrumentos e as estratégias nacionais ligados à agricultura, como, por exemplo, o Plano Estratégico do Desenvolvimento do Setor Agrário, a Estratégia da Revolução Verde o PDE 2007-2016), advogam que o uso dos recursos naturais deve ser feito de forma sustentável. Segundo MAE (2005), o distrito da Manhiça tem se debatido com problemas de erosão e desflorestamento, o que mostra que o uso dos recursos naturais (no caso concreto do solo e da floresta) é feito de forma não sustentável. Isto implica necessidade de a extensão rural melhorar a abordagem deste assunto nas associações de produtores de Manhiça.

Apenas 32.7% dos produtores têm Percepção negativa em relação à proposição de que a extensão rural estabelece a ligação entre fornecedores de insumos e produtores. Isto mostra que, para estes produtores, a extensão rural está a falhar no cumprimento desta tarefa. Os relatórios do GDM mostram que de 2008 a 2011, os SDAEs de Manhiça organizaram um total de 5 feiras, 4 em 2008 e 1 em 2011, que beneficiaram diretamente cerca de 1750 e 128 produtores, respetivamente.

Os dados da Tabela 2 ilustram que houve descontinuidade na realização das feiras, que, aliada ao fato de terem beneficiado pou-

Tabela 2
Percepção dos produtores sobre as atividades da extensão rural pública de Manhiça

Proposição	Discorda	Indiferente	Concorda
1. A ER capacita a associação dos produtores em matéria de planificação e gestão agrícolas.	5 (9.62)	7 (13.46)	40 (76.92)
2. A ER dissemina informações sobre as tecnologias agrícolas para a associação.	0 (0)	2 (3.85)	50 (96.15)
3. A ER capacita a associação para assumir a responsabilidade pela gestão dos recursos naturais.	8 (15.38)	34 (65.38)	10 (19.24)
4. A ER estabelece a ligação entre os fornecedores de insumos agrícolas e as associações.	18 (34.6)	17 (32.7)	17 (32.7)
5. O número de extensionistas é reduzido.	9 (17.31)	19 (36.54)	24 (46.15)
6. Os extensionistas vão poucas vezes à associação.	16 (32.69)	21 (38.46)	15 (28.85)
7. O trabalho da ER tem muita utilidade para a associação.	0 (0)	2 (3.85)	50 (96.15)
8. Há necessidade de melhorar a ER.	12 (23.08)	12 (23.08)	28 (53.84)
9. Os produtores estão satisfeitos com o trabalho da ER.	1 (1.92)	9 (17.31)	42 (80.77)

N=52. Os números que aparecem dentro de parênteses representam percentagem. ER significa Extensão Rural. Fonte: Dados da pesquisa (2012).

cos produtores, pode justificar a Percepção negativa dos produtores sobre o trabalho que a extensão rural desenvolve para ajudar a ligar os fornecedores de insumos agrícolas aos produtores. Estas feiras podem, de certa forma, ajudar os produtores a identificar os fornecedores de equipamentos e insumos agrícolas que eles mais demandam. De qualquer modo, esta Percepção não positiva dos produtores mostra um aparente fracasso da extensão rural no estabelecimento de uma ligação entre produtores e fornecedores de insumos. Entretanto, esta situação pode ser explicada pelo fato de a extensão rural em Manhiça enfrentar muitos problemas que, possivelmente, a impossibilitam de estabelecer uma ligação coesa entre os produtores das associações e os fornecedores de insumos, confirmando, assim, a afirmação de Anderson e Feder (2003), que dizem que a ligação entre a extensão rural e os provedores de

insumos agrários é muito fraca nos países em desenvolvimento. Esta constatação sugere que a extensão rural em Manhiça deve melhorar as ações que visam ao estabelecimento de uma forte ligação entre os fornecedores de insumos e os produtores.

A Tabela 2 mostra que 46.15% dos produtores concordaram com a proposição de que o número de extensionistas é reduzido, enquanto 17.31% e 36.54% discordaram e foram indiferentes, respectivamente. Ao avaliar pela frequência dos que não concordaram, pode-se afirmar que os produtores não concordam que o número de extensionistas seja reduzido. Era de se esperar que os produtores concordassem com esta proposição porque, segundo Gemo et al. (2005), Siteo (2010) e Cunguara e Moder (2011), o número de extensionistas em Moçambique é reduzido. Por outro lado, foi acima demonstrado que a relação extensionista-produtores é elevada em Manhiça. A Percepção positiva dos produtores sobre esta proposição deriva possivelmente do fato de muitos dos produtores terem afirmado que não sabiam se o único extensionista público que os assiste no PAMS é suficiente para atender todas as associações e realizar outras tarefas. De referir que as associações agrícolas do PAMS são assistidas por apenas um extensionista. Em 2010, cada extensionista de Manhiça assistiu cerca de 376.5 produtores contra a meta de 250 produtores referidos pelo PDE 2007-2016, que, em média, devem ser assistidos anualmente por cada extensionista. Assim, fica mais uma vez evidente que o número de extensionistas em Manhiça é bastante reduzido, apesar de os produtores não terem esta Percepção. Esta constatação mostra a necessidade de os SDAE aumentarem o número de extensionistas que assiste as associações agrícolas de Manhiça Sede.

Sobre a proposição referente à frequência das visitas dos extensionistas, a Tabela 2 evidencia que apenas 28.85% dos produtores concordaram com a proposição de que os extensionistas vão poucas vezes à associação. Portanto, pode-se afirmar que poucos (menos de metade) concordaram com esta proposição, o que equivale a dizer que os produtores têm uma Percepção positiva sobre a frequência das visitas dos extensionistas. Esperava-se que os produtores tivessem uma Percepção negativa sobre esta proposição, uma vez que a relação extensionistas-produtores é muito elevada em Manhica. Normalmente, os extensionistas vão uma vez por semana a cada associação, mas vezes há em que se passa mais de um mês sem que as associações recebam visitas ou assistência dos extensionistas públicos. Atentando para o fato de que em 1993 foi conferida maior flexibilidade ao calendário dos encontros entre extensionistas e produtores e que antes desta modificação, geralmente, os encontros eram quinzenais, pode-se afirmar que a frequência dos encontros não é tão reduzida, excetuando as esporádicas longas ausências dos extensionistas, que têm acontecido quando eles têm outras tarefas ou estão impossibilitados de visitar as associações dos produtores por diversas razões. Entretanto, estas longas ausências dos extensionistas podem comprometer o seguimento de algumas operações agrícolas subsequentes, o que, por sua vez, pode alimentar o vício de os produtores as realizarem sem seguir as recomendações dos extensionistas, tal como afirma Siteo (2010). Este autor reportou que a ausência dos extensionistas fez com que os produtores da Associação Agrícola Massacre de Mbu-zini em Mahotas, arredores da cidade de Maputo, abandonassem as práticas por eles recomendadas. Para resolver este prolema, os SDAEs devem contratar mais extensionistas. Diante desta situa-

ção, pode-se afirmar que, provavelmente, a ausência dos extensionistas não é muito sentida pelos produtores. Assim, levanta-se a hipótese de que os serviços prestados pela extensão rural não são muito procurados em Manhiça Sede, confirmando, deste modo, a constatação de Swanson (1991), segundo o qual, nos países em desenvolvimento, há pouca procura local pelos serviços de extensão rural.

A mesma tabela mostra que a maioria dos produtores (96.15%) concorda com a proposição que diz que o trabalho da extensão rural tem muita utilidade para a associação, o que evidencia que estes têm Percepção de que a extensão rural é útil para as associações de produtores agrícolas. Esta Percepção positiva dos produtores sobre a utilidade da extensão rural para as associações pode ser explicada pelo fato de que os produtores afirmaram ter aprendido novas técnicas de cultivo de hortícolas e milho. Outra possível razão desta Percepção positiva pode ser o fato de as associações terem confirmado a contribuição valiosa da extensão rural no alcance dos seus objetivos, com destaque para a legalização das suas parcelas. Segundo Cumbe et al. (2009), a extensão rural pública em Manhiça tem ajudado as associações a legalizar suas parcelas através da aquisição do DUAT. Estes resultados são similares aos do estudo de Silva et al. (2007), que revelaram que os produtores de Jales, no Brasil, consideraram fundamental o papel da extensão rural no seio da respectiva associação.

Em relação à proposição de que há necessidade de melhorar a extensão rural, a Tabela 2 mostra que a maioria (53.84%) dos produtores concorda com esta proposição, revelando, assim, que eles têm percepção de que a extensão rural deve melhorar seu

funcionamento. Isto sugere que os produtores acham que há espaço para a extensão rural melhorar o seu funcionamento. De fato, esperava-se que os produtores concordassem com esta proposição porque, como já foi acima referido, a extensão rural pública em Manhiça enfrenta muitos problemas, que, de certa forma, podem influenciar seu desempenho. Visando a melhorar o desempenho da extensão, os alguns produtores afirmaram que ela deve intensificar mais o trabalho que desenvolve junto às associações, outros afirmaram que é necessário que os extensionistas melhorem a comunicação com os produtores.

A maioria dos produtores (80.77%) afirma estar satisfeita com o trabalho da extensão rural. Importa afirmar que neste caso a satisfação dos produtores em relação ao trabalho da extensão rural pública é entendida no sentido de o trabalho feito pela extensão rural ir ao encontro das expectativas dos produtores. De forma geral, esta constatação é similar aos resultados dos estudos de Siddiqui e Mirani (2012) e Ajieh (2006). No trabalho de Siddiqui e Mirani (2012), foi revelada satisfação dos produtores de *Sindh* em relação ao trabalho desenvolvido pelos serviços de extensão e de pesquisa agrícolas locais, enquanto Ajieh (2006) afirmou que os produtores do Estado do Delta na Nigéria estavam satisfeitos com os serviços da extensão local principalmente na área de produção de culturas alimentares. A satisfação dos produtores de Manhiça Sede em relação aos serviços prestados pela extensão rural pode até, certo ponto, indicar que o trabalho desenvolvido pela extensão rural vai ao encontro das expectativas dos produtores locais, o que, por outras palavras, mostra uma apreciação positiva do trabalho da extensão rural pública em Manhiça.

4. Conclusão e Sugestões

Na região de estudo, a maioria dos praticantes da agricultura é do sexo feminino e tem idade superior a 50 anos, evidenciando, assim, uma fraca participação dos jovens. Estes produtores têm experiência média de 26 anos, apresentam baixo nível escolar e os seus agregados são compostos em média por 6,65 membros. Do total destes produtores, cerca de 51,9% apenas praticam a agricultura e os restantes, além da agricultura, têm outras fontes de renda. Os principais problemas enfrentados pelos produtores são a falta de instrumentos e equipamentos agrícolas, a falta de trator ou gado para a tração animal, a alta incidência de pragas e doenças nas hortícolas, as inundações e a baixa qualidade de sementes.

A extensão rural pública em Manhiça funciona com 6 extensionistas, e a relação extensionista-produtor é de 1:5200, considerada muito elevada. A cobertura da extensão em Manhiça é baixa. De forma geral, os extensionistas têm um baixo nível de escolaridade e participado de seminários ou cursos relacionados com a agricultura. O método de extensão mais usado é o de grupo. Os principais problemas enfrentados pela extensão são a deficiente manutenção das motos usadas pelos extensionistas, a dupla subordinação e a sobreposição de tarefas, a deficiente ligação entre a pesquisa e a extensão e o reduzido número dos extensionistas.

Os produtores têm Percepção positiva em relação às atividades de extensão rural na capacitação das associações em matéria de planificação e gestão agrária e na disseminação de informações sobre as tecnologias de produção agrícola. Entretanto, uma análise preliminar permite inferir que as tecnologias difundidas em Manhiça não levam em conta a realidade dos produtores.

Os produtores têm Percepção negativa sobre as ações de extensão na capacitação das associações para assumirem responsabilidade na gestão dos recursos naturais e no desenvolvimento de ações para o estabelecimento da ligação entre as associações e os fornecedores de insumos.

Apesar de ter sido demonstrado que a relação extensionista-produtor é muito elevada em Manhiça, os produtores têm uma Percepção positiva sobre a frequência das visitas e sobre o número dos extensionistas que os assiste nas associações.

Os produtores têm a Percepção de que a extensão rural pública é útil no dia a dia das associações. Ainda assim, na ótica destes produtores, há necessidade de a extensão melhorar o funcionamento. Para tal, alguns produtores são de opinião de que a extensão deve intensificar mais o seu trabalho e melhorar a comunicação com os produtores.

Os produtores têm uma apreciação positiva sobre o trabalho que a extensão rural pública de Manhiça realiza nas associações locais, visto que demonstraram uma satisfação em relação ao trabalho desta organização e concordaram com a maioria das proposições positivas relacionadas com as atividades da extensão rural pública local.

Tendo em conta os resultados deste estudo, recomenda-se que a Extensão Rural em Manhiça deve, entre outras ações, contratar mais extensionistas para reduzir a elevada relação extensionista-produtor e aumentar a cobertura de extensão, desenhar e difundir tecnologias que levam em conta a realidade dos produtores locais e melhorar a abordagem das suas ações em relação à capacitação das associações para assumir responsabilidade na gestão dos recursos naturais e desenvolver mais ações que vão

ajudar no estabelecimento de uma ligação entre os produtores e os fornecedores de insumos.

Uma vez que o presente estudo analisa apenas as Percepções dos produtores sobre a extensão rural pública, recomenda-se aos pesquisadores que realizem estudos adicionais visando a determinar as reações dos produtores sobre o nível de adoção das tecnologias difundidas e o seu grau de participação nos trabalhos da extensão.

5. Referências bibliográficas

- AJIEH, P. Farmers perception of extension services of the Delta State Agricultural Development Programme. **Journal of Agriculture and Social Research**, v. 6, n. 2, p. 59-65, 2006.
- ALAGE, A. e NHANCALE, I. **An Overview of Public Extension Services in Mozambique, 2010**. Disponível em www.sadc.int/fanr/agricresearch/icart/.../ImprovingExtension.pdf. Acesso em Setembro de 2011.
- ANDERSON, J. e FEDER, G. **Rural extension services**. Policy Research Working Paper 2976: World Bank, Washington, D.C., 2003.
- ASIABAKA, C. **Agricultural extension**. A handbook for development practitioners. Molsyfem United Services, Okumu, 2002.
- CUMBE, J. et al. **Estudo de base sobre os direitos da mulher a terra nas províncias de Maputo, Zambézia e Nampula**, Projecto Wolar, Maputo, 2009.
- CUNGUARA, B. e HANLON J. **Poverty is not being reduced in Mozambique**: Working, Paper No 74. London School of Economics and Political Science, Londres, 2010.

- CUNGUARA, B. e MODER, K. Is Agricultural Extension Helping the Poor? Evidence from Rural Mozambique. **Journal of African Economies**, Oxford, V. 20, n. 4, p 562–595, 2011.
- GAUTAM, M. (2000), **Agricultural extension: The Kenya experience: An impact evaluation**. World Bank, Washington DC.
- GDM. **Balanço das Actividades Realizadas no ano de 2009 no Distrito da Manhiça, Maputo**. Não publicado, 2008.
- GDM. **Balanço das Actividades Realizadas no ano de 2009 no Distrito da Manhiça, Maputo**. Não publicado, 2009.
- GDM. **Balanço das Actividades Realizadas no ano de 2010 no Distrito da Manhiça, Maputo**. Não publicado, 2010.
- GDM. **Balanço das Actividades Realizadas no ano de 2011 no Distrito da Manhiça, Maputo**. Não publicado, 2011.
- GEMO, H. **An Assessment of Human Resource Development Program in Mozambique's Public Extension Service**. 2004. Dissertação (Mestrado em Extensão Agrária)-Universidade de Pretória, Pretória, 2004.
- GEMO, H. et al. **Mozambique's Experience in Building a National Agricultural Extension System: 1987-2004**. Maputo: DNEA. 2005.
- GEMO, H. **Extensão Rural em Moçambique: Evolução, Desafios e Perspectivas, (1975-2006)**. Maputo, 2006.
- GONÇALO, J. **Estudo de alguns constrangimentos que afectam o desempenho das associações de produtores de algodão em Monapo e Meconta, província de Nampula**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Agronómica) - Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2003.
- IFAD. **Pobreza Rural em Moçambique: Habilitar os pobres rurais a superar a pobreza em Moçambique**, Roma, 2010.

- IFENKWE, G., (2012), Agent-Related Factors Affecting the Performance of Agricultural Extension Staff in Abia State, **Journal of Agricultural Sciences**, Vol. 3, n. 1, p. 45-48, Nigéria.
- IIRR e ACT. **Conservation agriculture: A manual for farmers and extension workers in Africa**. 2005.
- MAE. **Perfil do distrito da Manhiça Província de Maputo**, 2005. Disponível em www.metier.co.mz. Acesso em Julho de 2011.
- MANHIÇA, A. **Políticas Agrárias e a Mulher**. Seminário do Projecto WARM, Direcção de Economia do Ministério da Agricultura, Maputo, 2012.
- MINAG. **Conceito, Princípios e Estratégia de Revolução Verde em Moçambique**, Maputo, 2008.
- MINAG. **Plano Director da Extensão Rural 2007-2016**, DNEA, Maputo, 2007
- MINAG. **Plano Estratégico Para o Desenvolvimento do Sector Agrário 2010-2019**, Maputo, 2010.
- NHAURIRE, A. **Lógica de envolvimento de Camponêses em Associações Agrícolas: Estudo de caso na Associação de Regantes de Massaca-Boane (1995-2007)**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2007.
- OKERERE C. e ONU, D. (2007), Effect of Socio-economic Characteristics of Field Extension Workers on Their Job performance in Imo State, **Journal of Agriculture and Social Research**, v. 7, Nigéria.
- PONNIAH, A., PUSKUR, R., WORKNEH S. e HOEKSTRA, D. **Concepts and practices in agricultural extension in developing countries: A source book**. IFPRI (International Food

- Policy Research Institute), Washington, USA, and ILRI (International Livestock Research Institute), Nairobi, Kenya. 2008.
- SIDDIQUI A. e MIRANI Z. Farmer's perception of agricultural extension regarding diffusion of agricultural technology. **Pakistani Journal of Agricultural Engineering and Veterinary Sciences**, Tandojam v. 28, n.1, p. 83-96, Pakistan, 2012.
- SILVA, E. et al. Caracterização dos produtores familiares de caju, organizados em uma associação informal, na região noroeste do Estado de São Paulo. In: **Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, n. 45, Londrina, 2007.
- SITOE, T. **Agricultura Familiar em Moçambique- estratégias de desenvolvimento sustentável**, Maputo, 2005.
- SNAPP, S. et al. Realigning research and extension to focus on farmers' constraints and opportunities, **Journal of Food Policy**, ELSEVIER, 2003.
- SWANSON, B. (1991), **Extensão Rural: Manual de Referência**, 2a Edição, Roma.
- TAVEIRA, L. e OLIVEIRA. A extensão rural na perspectiva de agricultores assentados do Pontal do Paranapanema. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Rio de Janeiro. V. 46, n. 1, p 9-30, 2008.
- VAN den Ban, e HAWKINS, H. **Agricultural Extension**. 2nd Edition. Blackwell Science Publication, Oxford. 1996.
- WORLD BANK, **Mozambique Agricultural Development Strategy: Stimulating Smallholder Agricultural Growth**, Agriculture, Environment, and Social Development Unit Country, Department 2, Maputo. 2006. Disponível em http://siteresources.worldbank.org/MOZAMBIQUEEXTN/Resources/Moz_AG_Strategy.pdf. Acesso em Julho de 2011.